

## O Uso De Imagens No Ensino De Geografia

### Pictures in the Teaching of Geography

Ademilson Ferreira de Arruda 1

Maxuel Ferreira Santana 2

#### RESUMO

Este artigo parte do princípio de que a imagem é um importante instrumento para o estudo da Paisagem, na disciplina de Geografia. O estudo investigou o potencial das linguagens visuais presentes nas imagens para as práticas de ensino de Geografia. Secundariamente, mostra como aplicar o conhecimento sobre Paisagens para a análise de imagens de patrimônios históricos localizados no município da cidade de Cáceres – MT. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que se debruçou em dissertações/teses, livros e artigos científicos. Os dados apontaram a importância do uso da imagem para o pensamento espacial, uma vez que conecta os alunos a diferentes realidades, encurtando distâncias e culturas, podendo ser exploradas por diferentes categorias geográficas, especialmente a Paisagem.

**Palavras-Chave:** Imagem; Paisagem, Ensino de Geografia

#### ABSTRACT

This paper is based on the premise that a picture is an important tool to study Landscapes, in Geography. The study investigated the potential of visual languages present in pictures to improve Geography teaching practices. Secondly, it shows how to use the knowledge about Landscapes to analyze pictures of historical heritage located in Cáceres - MT. This is a bibliographical study that focused on dissertations/theses, books, and papers. The data pointed to the importance of using images to comprehend the space, as it connects students to different realities, shortening distances and cultures, and can be explored by different geographic categories, especially Landscape.

**Keywords:** Image; Landscape, Geography Teaching

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso. [ademilson12ferreira@gmail.com](mailto:ademilson12ferreira@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4184-6657>.

<sup>2</sup> Docente do curso Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso. [maxfsantana@hotmail.com](mailto:maxfsantana@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6451-7047>.

## INTRODUÇÃO

A leitura de imagens é uma atividade pertinente ao ensino de geografia, pois possibilita aos alunos desenvolverem suas próprias percepções sobre o espaço e o mundo em que vivem. Conforme vários autores, como Brasil (1998, 2017), Lima e Girão (2013), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012), Rego, Castrogiovanni e Kaercher (2007), o conhecimento e a voz dos discentes sobre os assuntos discutidos nas aulas são elementos importantes para a aprendizagem. A respeito disso, Jófili (2002) reforça que construção de conhecimentos, no contexto escolar, é um processo misto constituído pela teoria e pela prática e reforçado pelos materiais didáticos. Esses elementos precisam estar adequados à realidade dos alunos para ocorrer uma aprendizagem mais significativa e alinhada.

Neste sentido, o uso da linguagem visual presente em imagens pode potencializar as práticas de ensino e de aprendizagem de Geografia, visto que em uma fotografia, por exemplo, há diversas informações sobre o espaço e o tempo. Com relação a isso, Lima e Girão (2013, p. 02) asseveram que “as imagens fazem parte da vida e são extremamente importantes para a compreensão do mundo, permitindo a análise dos fatos que cotidianamente nos rodeiam. Sem a imagem, a cotidianidade seria impossível”.

As palavras dos autores resgatam o papel expressivo das linguagens visuais para a compreensão das práticas sociais, visto que, desde a pré-história, o homem tem registrado cenas de seu cotidiano e aprimorado seus meios de comunicação. Nesse contexto, a linguagem visual das imagens pode ser uma aliada ao ensino de Geografia, por exemplo, nos estudos sobre a paisagem, promovendo reflexões sobre o indivíduo e natureza.

Souza (2018) afirma que o estudo da paisagem é essencial, visto que possibilita uma materialização visual e histórica dos lugares desde épocas anteriores até a contemporaneidade. Com isso é possível mapear contextos sociais e culturais, bem como interpretar significados históricos. Do ponto de vista pedagógico, uma discussão coletiva sobre os elementos visuais presentes nas imagens pode estimular os alunos a expressarem suas percepções

Nessa ótica, o diálogo e a troca de saberes entre alunos e professores são elementos fulcrais para a consecução de práticas de ensino exitosas. Além disso, os conhecimentos prévios dos discentes também contribuem para o desenvolvimento de novos saberes.

De modo complementar, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012, p. 38) citam que “a Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as dimensões da realidade social”. Além disso, é pertinente destacar o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia, para o ensino fundamental, quando propõem:

Um trabalho pedagógico que visa à ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos. (BRASIL, 1998, p.15).

Como se pode observar no excerto, os PCNs reconhecem a importância de os alunos conhecerem as paisagens e os espaços geográficos do Brasil e do mundo. Por esse viés, a educação paisagística pode fornecer ferramentas para que os discentes analisem, classifiquem, interpretem e (re) signifiquem os espaços naturais e sociais. Nessa senda, Souza (2018) acrescenta que ela está associada à compreensão da relação entre o homem e a natureza, em segmentos reais de sentimentos e vivências (SOUZA, 2018). Pode-se destacar, também, que a paisagem é dinâmica e está em constante movimento, tanto de espacialidade, quanto do tempo (BERTRAND, 2004).

Dadas essas considerações, este trabalho propõe investigar o potencial das linguagens visuais presentes nas imagens para as práticas de ensino de Geografia. Secundariamente, mostra como aplicar o conhecimento sobre paisagens para a análise de imagens de patrimônios históricos do município da cidade de Cáceres – MT. Essa investigação é pertinente, pois, uma das propostas dessa ciência é compreender a espacialidade vivenciada pelos sujeitos, visto que, nós, enquanto seres humanos “vivemos em tempos e espaços de mudanças que alteram todos os modos de ensinar e aprender.” (TONINI, 2013, p. 180).

Sendo assim, esse estudo se sustenta teoricamente em autores que versam sobre a paisagem, como: Correa e Rosendan (1998), Puntel (2007), Choay (2007), Santos (1988), Ab’Saber

(2003), Bertrand (2004). Além disso, dialoga com pesquisadores que investigam o uso de imagens no ensino de Geografia, como: Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012), Puntel (2007), Rego, Castrogiovanni e Kaercher (2007), Lima e Girão (2013). Por fim, ampara-se em estudos sobre o ensino de geografia na Educação Básica, a saber: Brasil (2007), Calvalcanti (2017)

Metodologicamente, trata-se de um artigo guiado por meio do método dedutivo-bibliográfico tendo em vista que é um estudo teórico. Como questão-problema, buscou-se investigar “ em que medida o uso de imagens pode contribuir para o ensino de Geografia na educação básica?

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo foi guiado por meio do método dedutivo-bibliográfico tendo em vista que é um estudo teórico. Por conseguinte, iniciou-se a partir da observação de uma situação geral “o ensino de geografia”, para então, compreender elementos específicos encontrados nesse contexto geral (FONTELLE, 2017), isto é, “o potencial pedagógico das imagens para o ensino de geografia”.

Para tanto, elegeu-se como questão-problema, investigar “ em que medida o uso de imagens pode contribuir para o ensino de Geografia na educação básica? ” Portanto, este estudo dedutivo-bibliográfico buscou em teses, dissertações, livros e artigos estabelecer relações entre conceitos e ideias construídas no campo do ensino de geografia na educação básica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **A PAISAGEM, A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O ESPAÇO VIVIDO**

A Geografia se consagrou como ciência no século XIX. Nesse período, uma das bases do processo de consolidação dessa área foram os estudos sobre o conceito de paisagem (VIDAL DE LA BLACHE, 1908; SAUER, 1998). Nesse sentido, torna-se pertinente destacar que, desde a metodização das ciências positivistas — que surgiram no cenário europeu, no final do século XIX, até a Segunda

Guerra Mundial — parte da Europa e Os Estados Unidos recorreram ao conceito de paisagem, podendo ser classificada como natural, geográfica ou cultural (SAUER, 1998).

A maioria das correntes geográficas considera a paisagem como um conceito-chave, ou seja, esse termo é um dos principais objetos de estudo da disciplina. Por outro lado, Correa e Rosendan (1998) afirmam que, anteriormente, a paisagem foi secundariamente explorada e ficou à margem de outros conceitos, como: região, espaço, território e lugar. No entanto, nos primórdios do surgimento da Geografia como ciência, inúmeras correntes do pensamento sistematizaram as discussões sobre o conceito de paisagem, entre o final do século XIII e início do século XIX. Diante dessas considerações, pode-se citar os autores Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache, que fundaram duas das principais Escolas precursoras da Geografia.

Dada a importância da paisagem para os estudos geográficos, torna-se oportuno mencionar as palavras de Puntel (2007, p. 286), quando o autor afirma que “é a paisagem que revela a imbricação, a relação entre o social, o cultural, o intelectual, o patrimonial e o cívico, e são essas relações que motivam e justificam a presença da Geografia e da paisagem nas escolas.”

Por esse viés, as imagens podem servir como registros históricos das espacialidades que se adequam às mudanças da sociedade, visto que tudo no mundo está em constante alteração, inclusive, as paisagens. A partir do final do século XX e início do século XXI, a historicidade dos lugares se tornou relevante, principalmente, os temas relacionados à história local, às paisagens urbanas e à luta pela preservação do patrimônio histórico e cultural (CHOAY, 2007). Com isso, o espaço urbano se transformou em um território de conflitos entre os diferentes interesses, o que se preservaria e o que seria apagado da história.

Nesse entendimento, as paisagens são constituídas por interações culturais em escala local e global, como consequência do modelo de economia e do capitalismo. Essas transformações formaram o espaço urbano e o rural e estão sendo intensificadas com o avanço da globalização. É importante ter presente que a administração pública protege, principalmente, as memórias do período de colonização ou os projetos de modernização que foram implementados durante o século XX.

Entretanto, mesmo com as políticas de preservação, esses espaços são paulatinamente modificados reforçando a importância das imagens enquanto registros da memória dos lugares. Logo, o próprio processo de revitalização deve ser visto como formas de transformação do espaço, tendo em vista que essas técnicas, na maioria das vezes, são decididas por instituições que não dialogam com a população. Assim, propagam-se interesses do capital imobiliário revestidos de “patrimonialização”. Nesse sentido, há uma certa dificuldade em se pensar no futuro e o passado tende a ser romantizado. Esse evento cultural provoca uma obsessão pela identidade local e estimula a nostalgia coletiva (GUMBRECHT, 2015).

Como se pode ver, o conflito pela manutenção do passado, por meio das recordações individuais ou da comunidade, se transformou em uma batalha encadeada no centro da modernidade. Seus protagonistas assumem a responsabilidade de zelar pela memória e usam o passado como embasamento para seus posicionamentos no presente. Contudo, não basta expor os planos urbanísticos, é essencial abranger as conexões entre o projeto urbano moderno da cidade, os ideais da sociedade brasileira e as interferências da população local (ANDREATA, 2006).

Frente ao exposto, o conceito de “paisagem cultural” parece ser útil para se compreender e preservar a memória dos lugares. O termo ultrapassa os poderes instituídos e abrange múltiplas maneiras de vida, bem como as diversas formas de ocupação do espaço. O conceito integra, ainda, a participação de poderes públicos no projeto civilizatório de cidade, mas, principalmente, inclui a história das populações que de modo inovador/criativo foram se modernizando enquanto sociedade.

Por fim, a paisagem é necessária para a compreensão da humanidade, pois simboliza a relação intrínseca entre o homem e o lugar. Contudo, a paisagem não se limita a uma simples função estética, representação, ou como meio de registro descritivo. Ela representa os ideais de acolhimento que, junto ao tempo, constituem a identidade local. Esse aspecto é reforçado por Santos (1988), quando destaca que uma paisagem é construída por múltiplas linguagens, como: cores, movimentos, odores, sons, tornando o espaço vivido, simbólico.

## O USO DE IMAGEM NO ENSINO DA GEOGRAFIA: O POTENCIAL DAS LINGUAGENS VISUAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO.

As linguagens visuais, como pinturas, fotografias, vídeos, etc., podem estimular o raciocínio geográfico, fazendo com que os alunos interpretem, façam associações, e representem o mundo considerando a sua incessante dinâmica de transformação. Nesse contexto, as linguagens possibilitam a apreensão de conceitos para o domínio do espaço vivido (com destaque para os conhecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania. Frente a isso, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012) acrescentam que linguagens são favoráveis ao ensino e podem aproximar alunos e professores

Portanto, o professor de Geografia deve criar conexões entre os conteúdos trabalhados na disciplina e a realidade dos alunos por meio das múltiplas linguagens, pois, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na **compreensão perceptiva da paisagem**, que ganham significado a medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e por isso, convictos das nossas diferenças. (BRASIL, 2017, p.359, grifos nossos).

De modo complementar, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012, p. 278) afirmam que “as imagens estão a invadir nossas casas, os painéis e *outdoors*, acompanha-nos onde quer que estejamos” e “Vivemos no mundo das imagens e poucos sabemos sobre elas”. A perspectiva apresentada pelos autores é um convite para se pensar geograficamente as imagens de livros didáticos, revistas e jornais, enxergando-as como práticas de formação da cultura de professores e alunos. De modo similar, Calvalcanti (2017, p. 16) pontua que é importante saber ler o mundo, pois:

A compreensão dessa realidade complexa é tão necessária quanto exigente, ela requer capacidade de leitura, de análises mais autônomas das inter-relações entre os elementos dos processos que os formam, dos contextos em que foram formados, da abrangência dos fenômenos. São essas capacidades de leitura que possibilitam a ampliação da análise dos fenômenos como interconectados e como resultantes de processos históricos e espaciais determinados. Tudo isso torna visível a relevância social da formação dos sujeitos para lidar com essa realidade, em suas diversas escalas (que estão, mais ou menos, interligados).

Diante deste contexto, é inegável a plausibilidade do uso de imagens enquanto recurso pedagógico para o ensino de Geografia, dado que elas podem proporcionar aos educandos a oportunidade de construir conhecimentos socioespaciais sobre o passado e o presente, por meio de análises orientadas pelo professor (PUNTEL, 2007). Assim, ao comparar diferentes paisagens, cenas, retratos sociais e naturais representados nas imagens, o aluno poderá criar conexões entre elementos históricos, sociais, culturais e econômicos. A partir disso, o discente compreenderá as modificações provocadas no espaço geográfico, sejam elas naturais ou sociais, relacionando-as ao homem e a natureza, as condições de vida da população, as disparidades sociais, os problemas ambientais, etc. De acordo com Puntel (2007, p. 285):

A paisagem é considerada um instrumento essencial de leitura e de aprendizagem no ensino da geografia, acredita-se que seja importante desenvolver nas crianças e adolescentes a capacidade de compreensão de diferentes paisagens, reconhecendo seus elementos, sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais, assim como a interação existente entre eles.

Portanto, é importante ressaltar que o processo de aprendizagem da leitura espacial da paisagem Geográfica deve começar desde cedo, para que o aluno consiga compreender a paisagem e sua complexidade no meio natural, social e econômico e, assim, desenvolver uma construção sólida do conhecimento socioespacial.

Conforme Cavalcanti (2017), o uso de imagens no ensino de Geografia permite uma conexão afetiva entre os alunos, a sua realidade e os novos saberes adquiridos nas aulas. Isso se dá, pois, a imagem abre as portas para um mundo de possibilidades, quebrando o paradigma racional da escrita que distancia o leitor do texto. Ela coloca o aluno na posição de observador, fazendo com que ele possa construir e reconstruir conceitos sobre mundo e suas mudanças. Nessa perspectiva, Rego,

Castrogiovanni e Kaercher (2007) destacam que cabe à escola fornecer mecanismos para que o discente se torne capaz de analisar esses materiais e elaborar suas convicções, favorecendo o seu desenvolvimento cognitivo.

De acordo com Lima e Girão (2013), a prática de leitura e análise de imagens valoriza os saberes e experiências do sujeito, visto que conhecimentos prévios são acionados. O mundo globalizado está em constante movimento e a imagem está inserida em todos os meios e em todas as ciências, então ela pode ser objeto de estudo de várias disciplinas, como a Filosofia, Matemática, História e até mesmo da Língua Portuguesa. Entretanto, na Geografia ela tem um papel crucial, pois possibilita a compreensão longitudinal de eventos naturais e sociais. Neste sentido, Lima e Girão (2013, p. 95) destacam que:

De acordo com a concepção sociointeracionista, os professores ao ensinarem Geografia devem aliar a teoria e prática, valorizar experiências e conhecimentos prévios e propor desafios passíveis de discussões que facilitem e promovam a construção de conceitos e práticas geográficas significativas. **O papel da Geografia é alfabetizar espacialmente o aluno em suas diversas escalas e configurações, buscando decodificar as imagens presentes no cotidiano, impressas e expressas na paisagem e em suas representações.** (Grifos nossos)

Como se pode verificar, a escola precisa propiciar atividades que estimulem a alfabetização espacial. Portanto, é dever do professor promover conteúdos que estimulem o exercício pleno das práticas espaciais do dia a dia do estudante. Lima e Girão (2013, p. 96) acrescentam que “a formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, e assim contribuir para a transformação de sua realidade”.

Torna-se pertinente mencionar que, no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e vestibulares, há uma grande demanda de leitura de imagens, mapas, gráficos, fotografias, pinturas, etc. Desse modo, o professor de Geografia deve se atentar a essa exigência e explorar cada vez mais esses elementos em suas aulas, buscando cada vez mais posicionar o aluno enquanto protagonista de sua aprendizagem. De acordo com Santos (2011, p. 11) é preciso desenvolver um trabalho reflexivo no ensino de Geografia “capaz de considerar o papel dos atores sociais no seu espaço

cotidiano, a fim de que, numa ação conjunta, professores e alunos possam compreender a importância dos conteúdos geográficos nas suas vidas”.

### IMAGENS SOBRE CÁ CERES: OPORTUNIDADE PARA SE COMPREENDER O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE

A constituição de uma imagem é sustentada por diversas informações culturais, sociais, históricas, territoriais e naturais. A respeito disso, Tolentino e Oliveira (2014) afirmam que a imagem possibilita materializar a paisagem no tempo e no espaço, o que pode contribuir para o estudo de patrimônio histórico. Ab’Saber (2003, p.19) destaca que a paisagem é “patrimônio coletivo dos povos que, historicamente, a herdaram como território de atuação de suas comunidades”. De maneira análoga, Santos (2009) acrescenta que “a paisagem é o resultado da acumulação desigual de tempos”. Por esse viés, pode-se dizer que há, na cidade de Cáceres – MT, inúmeras paisagens históricas que são potenciais objetos de estudo da disciplina de geografia na educação básica.

A exemplo disso, pode-se citar o Marco do Jauru, monumento implantado na foz do Rio Jauru em 1754 e que, hoje, ornamenta a Praça Barão do Rio Branco no centro histórico da cidade. Ele representa o Tratado de Madri, em 1750, e se tornou um símbolo de soberania das terras portuguesas

Figura 1 . Marco do Jauru



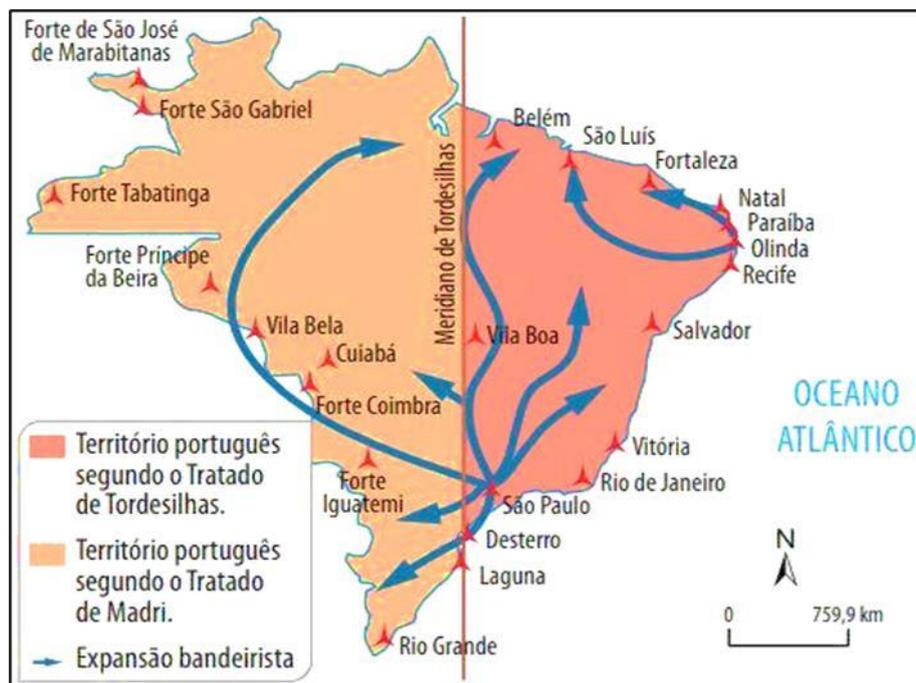
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

O Marco do Juru tem uma carga histórica expressiva, pois, para além de um monumento físico, ele simboliza o apogeu da expansão colonial — um recorte da história e da geografia do Brasil. Ele é um produto social e acumula em sua simbologia, tempos, espaços, experiências políticas, territoriais, sociais, etc. Sendo assim, realizar a leitura de imagens sob a ótica da paisagem é um exercício para o entendimento de realidades naturais e sociais outrora vigentes, visto que a realidade do espaço vivido ao longo do tempo marca a suas dimensões simbólicas na sociedade por meio desses patrimônios.

Ao discutir sobre a simbologia do Marco do Juru, torna-se pertinente, também, observar o movimento de expansão territorial que deu origem ao território brasileiro, que conhecemos hoje. Santana (2017, p.60) destaca que “a principal motivação do projeto expansionista-colonial era de assegurar a permanência e a soberania lusa nesta parte sul-americana”.

Muñoz (1994) descreve que é necessário considerar a relação do homem com meio e ponderar a comunidade local, região, nação, gerações, épocas e biografias individuais. Essas coordenadas se materializam como resultado das vivências intersubjetivas partilhadas pelos homens em sua vida cotidiana. Dessa maneira, ao observar a Figura 2, é possível perceber a multiplicidade de elementos pertinentes para se discutir em uma aula de Geografia, tendo em vista que ela apresenta diversas informações que podem ser analisadas didaticamente pelos estudantes.

Figura 2. Mapa referente ao Tratado de Madri



Fonte: Oliveira (2020)

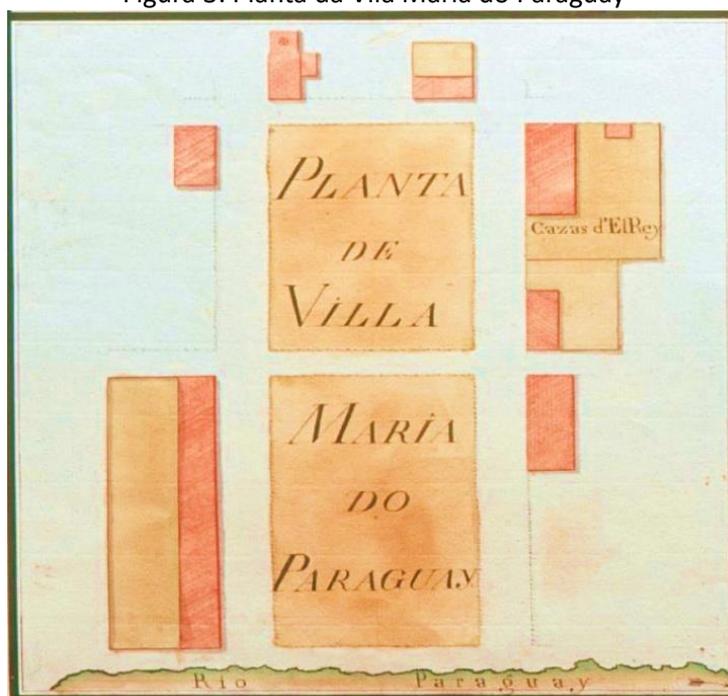
A Figura 2 ilustra a área limite pertencente à Coroa Portuguesa no período do primeiro Tratado de Tordesilhas, representada pela linha vermelha. Pode-se observar a expansão territorial da colônia portuguesa em função das diversas investidas dos sertanistas bandeirantes que tinham como objetivo principal descobrir recursos naturais e buscar mão de obra escrava.

Como resultado dos avanços dos bandeirantes sobre o território espanhol, houve a necessidade de um novo acordo como gesto de diplomacia entre as coroas. Assim, foi acordado o novo tratado denominado Tratado de Madri que redefiniu o interesse geopolítico das colônias. No que diz respeito ao ensino de geografia na Educação Básica, cabe aqui destacar que é importante que os livros didáticos utilizem imagens, como as acima discutidas, para corroborar a compreensão dos alunos sobre as paisagens culturais, sociais e naturais.

A formação urbana de Cáceres também é um fato que traz uma bagagem histórica muito rica, a começar por sua localização estratégica e sua constituição como Vila Maria do Paraguai em 1778 (CAVALCANTE, 2015; SANTANA, 2017). Atualmente, a cidade é muito criticada por sua estrutura, uma vez que não apresenta traços e organização de uma cidade planejada. Entretanto,

conforme a planta da Vila representada na Figura 3 pode-se perceber que houve um planejamento alinhado às necessidades dos primeiros colonizadores e que foi construída com padrões arquitetônicos europeus, com elementos com referências lusitanas (CAVALCANTE, 2015; SANTANA, 2017), como praças e igrejas.

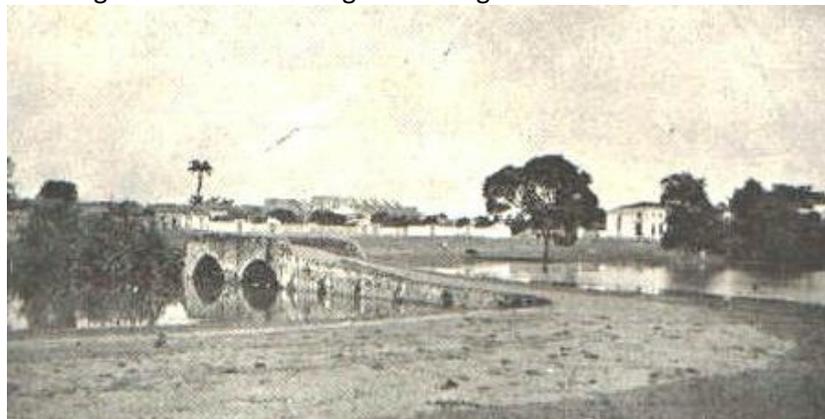
Figura 3: Planta da Vila Maria do Paraguay



Fonte: Zattar (2015)

Nesse sentido, a leitura e análise dessa imagem contribuem para a compreensão da história cacerense, dado que Vila Maria foi um importante símbolo da presença da Coroa Portuguesa na região fronteiriça, assegurando, portanto, seu poder territorial. A Ponte Branca (1910) é outro elemento urbano da cidade de Cáceres que traz um arcabouço histórico-cultural. Apesar de hoje não existir mais, Santana (2017, p.92) destaca que a ponte “permaneceu na memória dos cacerenses até hoje, o que demonstra o seu valor simbólico, adquirido por meio das experiências vivenciadas pela comunidade”, conforme Silva (2017, p.55) ela foi “palco e testemunha de muitos fatos, histórias, estórias e lendas”, como se pode visualizar na Figura 4.

Figura 4 – Primeiros registros fotográficos da Ponte Branca



Fonte: Arruda (1938)

A análise da imagem da ponte branca é uma oportunidade para os alunos compreenderem a simbologia de uma arquitetura que ficou enraizada na memória cacerense, por conta de muitas experiências ancestrais ali vividas, envolvendo comércio, relações socioafetivas, culturais, etc. Sendo assim, a proposta aqui discutida para além da explanação sobre a plausibilidade do uso de imagens no ensino de Geografia procurou, também, mostrar que o trabalho com esse recurso alinhado às realidades dos alunos, como, por exemplo, os alunos cacerenses, pode contribuir para a compreensão de sua história, de sua identidade, bem como o seu lugar na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu compreendermos a importância do estudo da Paisagem no ensino de Geografia, uma vez que comunica com outros conceitos-base da Geografia, como o lugar e o território, aspectos que são inerentes ao homem. Durante a discussão, foi possível perceber que o homem, ao longo da sua vida, constrói sua estrutura do espaço vivido (o Lugar) e a apropriação dos espaços para se desenvolver (o Território). Portanto, nesse processo, as paisagens são formadas, os espaços são produzidos, assim como os valores simbólicos e afetivos.

É importante destacar que o uso da imagem no ensino de Geografia, se faz muito relevante, pois, permite que o aluno se conecte a diferentes realidades, no tempo e no espaço, encurtando

distâncias e culturas. Porém, cabe salientar que a imagem é apenas uma ferramenta de explorar e aperfeiçoar o pensamento espacial, não dispensa o trabalho de campo, que é mais efetivo e imprescindível ao estudo geográfico.

Por fim, esse estudo contribui para a área da Geografia por reforçar que o trabalho desenvolvido em sala de aula precisa explorar a realidade dos alunos, suas vivências, experiências e cultura. Sendo assim, as imagens se configuram como ferramentas pertinentes para o trabalho com a paisagem.

## REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDREATTA, V. **Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

ARRUDA, G. P. **Um trecho do oeste brasileiro: São Luiz de Cáceres, Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Borsoi & Cia, 1938.

BERTRAND, G. Paisagem e Geografia física global: esboço metodológico. **Revista RA'EGA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3389>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022;

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017

CAVALCANTE, R, A. **Fundação de Vila Maria com a Presença Chiquitana: Os Povoadores da Fronteira Oeste da Capitania de Mato Grosso (1778-1827)**. 2015, 300f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, RS. 2015.

CAVALCANTI, L. S. Ensino de Geografia e demandas contemporâneas: práticas e formação docentes. In: ALVES, A. O.; KHAOULE, A. M. K. (orgs.) **A Geografia no cenário das Políticas Públicas Educacionais**, Goiânia, editora ALFA, 2017.

CHOAY, F. **L'Allégorie du patrimoine**. Paris: Seuil, 2007.

CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1925], p. 12-74

FONTELLE, A. **Metodologia científica**: Como definir os tipos de pesquisa do seu TCC? Disponível em: <<https://bit.ly/3yGjI0d>>. Acesso em: 04 de jul. 2022

JÓFILI, Z. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **Educação: Teorias e Práticas**. v. 2, n. 2, p. 191-208, dez 2002.

LIMA, S. R.; GIRÃO, O. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 88–106, 2013. DOI: 10.5902/2236499410774. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10774>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MUÑOZ, C. 3HGDJRJLDGD YLGDFRWLGLDQDHSUWLFLSDomRFLGDGm. São Paulo: Cortez: IPF, 2004.

GUMBRECHT, H. U. **O nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. Tradução de Ana Isabel Soares. São Paulo: UNESP, 2015.

OLIVEIRA, T. **As linhas tortas de Tordesilhas no desenho do novo mundo**. Repórter Ceará, 2020. Disponível em: <http://www.reporterceara.com.br/2020/12/05/as-linhas-tortas-de-tordesilhas-no-desenho-do-novo-mundo/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

PONTUSCHKA, N.; PAGANELLI, T.; CACETE, N. **Para Ensinar e Aprender Geografia**, 3 Edição: São Paulo; Cortez Editora, 2012.

PUNTEL, G. A Paisagem no Ensino da Geografia. **Ágora**, v. 13, n. 1, p. 283-298, 10 dez. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/130>. Acesso em: 17 nov. 2021.

REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTANA, M. F. **Alterações nos Canais Urbanos da Bacia Hidrográfica do**

**Córrego Sangradouro, no município de Cáceres - Mato Grosso.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado de Mato grosso, Cáceres/MT, 2017.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem.** 5ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, I. **Processo de reflexão na pratica de ensino em Geografia na Formação da cidadania na escola estadual de ensino fundamental e médio Monsenhor Emiliano de cristo.** 2011, 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2011.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SOUZA, R. J. **Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos** [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788564905986>. Acesso em: 11 jul. 2022.

TOLENTINO, R.; OLIVEIRA J. O uso das Imagens no Ensino de Geografia para a Compreensão do Espaço Geográfico, In: PARANÁ. **Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE**, Governo do Estado de Paraná, Secretaria de Estado, Cadernos PDE, volume I, 2014, p. 2- 20.

TONINI, I. M. Notas sobre imagens para ensinar geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 177–191, 2014. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/165>. Acesso em: 18 nov. 2021.

VIDAL DE LA BLACHE, P. **l'interprétation géographique des paysages.** Neuvième Congrès International de Géographie, Genève, 1908.

ZATTAR, N. Cáceres - nome luso de cidade mato-grossense. **RUA**, Campinas, SP, v. 21, n. 1, p. 155–170. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/rua.v21i1.8637528>. Acesso em: 15 jul. 2022.